

JORNAL: O Globo LOCAL: Quamabara

DATA: 16/07/1962 AUTOR: Marc Berkowitz

TÍTULO: Exposição de Rita Rosenmayer - Algumas Notas

ASSUNTO: Tram no catálogo da Relvo

O GLOBO ☆ 16-7-62 ☆ Página 10

Coluna de ARTES PLÁSTICAS

Exposição de Rita Rosenmayer —

Esta desenhista radicada em São Paulo, mas já bastante conhecida no Rio, está expondo na Galeria Ambiente, de São Paulo. É uma exposição digna, honesta, de alto nível, merecedora de um estudo crítico mais aprofundado. Tendo-se iniciado na pintura, — com seu pai, Arnaldo Rosenmayer, com Catarina Baratelli e com Milton Dacosta —, Rita Rosenmayer há alguns anos se dedica exclusivamente ao desenho. Começando com estudos algo formais e picassianos, ela logo mostrou a sua vocação através de um traço firme e sensível, fôsse qual fôsse a proveniência: bico de pena, lápis-cera, carvão, lápis comum. Também se declarou desde logo o seu interesse pela figura humana, não como assunto literário ou anedótico, mas como forma no espaço. As suas figuras são por vezes estáticas, monumentais; por vezes são grupos em pleno movimento. Em certas fases Rita Rosenmayer se preocupa com a matéria, preenchendo com traços grossos e bem ritmados de "crayon" as formas humanas, que assumem freqüentemente posições fetais e que em sua simplicidade lembram certas esculturas de Brancusi.

Em sua fase mais recente Rita Rosenmayer mostra figuras em movimento — rondas de crianças, mulheres abraçadas — apenas indicadas por traços finos, nervosos, mas perfeitamente seguros. Aí a artista chega a um despojamento admirável, a uma eliminação quase completa do não-essencial. Esta eliminação é realizada com uma tal mestria, que não se sente a terminação de certas linhas; em nossa mente elas continuam. Mas é justamente esta ausência tão refrescante do não-essencial que faz surgir certos problemas a meu ver sérios para a artista, certas contradições com as quais terá que lutar. Existe esta economia de traços de um lado, existe uma superabundância de detalhes do outro. Rita Rosenmayer nunca apresenta os traços fisionômicos de suas figuras, nem eles fazem falta. Muitas partes dos corpos são apenas sentidas, porque os traços que deveriam indicá-las continuam no espaço, e não no papel. Por isso os elementos elaborados do cabelo, das mãos e dos pés são freqüentemente chocantes. São problemas que Rita Rosenmayer, indubitavelmente um dos nossos melhores desenhistas, deve procurar resolver. Como também deve procurar um caminho que a leve mais longe, que a afaste do perigo de uma formulação que algum dia poderá vir a ser vazia.

ALGUMAS NOTAS — Eli Bueno, a excelente desenhista que expôs há pouco na Galeria Ambiente, ilustrou o poema de Christovam de Camargo "São Paulo, le Poème de la Cité", a ser editado ainda este ano, em Paris, por Pierre Seghers. ★★★ Sem querer penetrar no domínio de meu amigo e colega Geraldo Queirós, faço uma referência à cenografia de "Yerma", de Garcia Lorca, dirigida por Antunes Filho, a que acabo de assistir no TBC de São Paulo. A autora da cenografia é Maria Bonomi, que ocupa um dos melhores lugares entre os gravadores brasileiros e que nesta sua excursão pela cenografia mostra, não somente ter compreendido os problemas tão complexos dessa modalidade artística, mas ter aprendido, também, e exteriorizado, toda a densidade do fabuloso poema dramático de Garcia Lorca. ★★★ A Galeria Relvo, do Rio, distribuiu catálogo ilustrado de seu acervo, que é bastante numeroso e variado, mais tradicionalista que vanguardista, com muitos altos e baixos. Há trabalhos de Pancetti, Guignard, Portinari, Di Cavalcanti, Marcier, Djanira, Goeldi, Bonadei, Bandeira, Serpa, Iberê Camargo, Segall, Mabe, Grassmann, Vieira da Silva, Esmeraldo, Tsutaka, Ione Saldanha, Volpi. É interessante ver os trabalhos antigos de Volpi e de Vieira da Silva, em sua fase carioca, por sinal muito boa. E é pena que ainda se exibam os horrendos e enormes painéis de Guignard, que tanto enfearam a VI Bienal de São Paulo. Nem os melhores artistas conseguem produzir apenas obras-primas.

MARC BERKOWITZ